



Tema:
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"**



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

ROTA 13 23: OS JARDINS DE MARTA WATTS

Autor(es)

CARLOS ALBERTO DA SILVA

Contos / Cricas

Rota 13 – 23: os jardins de Marta Watts

O centro da terra se liquefaz formando um caldo rochoso em ebulição constante, manto incandescente que foi presente de uma estrela de luz, que por força dos deuses pariu o universo. Por ser instável, o magma incandescente vibra na câmara central até gerar fendas ascendentes que rasgaram as camadas mais profundas buscando a superfície da terra onde explodem, num esforço sobre humano tal qual a necessidade que nos faz respirar. Por milhares de ano este magna fugiu do ventre da terra e derramou-se na fina crosta terrestre espalhando-se e formando uma pangeia incandescente que ao solidificar-se e resfriar formou o berço das espécies. O centro da terra ao perceber que perdeu seu magma vibrou intensamente gerando um desconforto tão grande que promoveu a fissão da pangeia separando-a em continentes.

A fúria eterna, ainda persiste e para fechar as cicatrizes, placas tectônicas são empurradas uma sobre as outras, exalando a fúria na forma de terremoto.

O caldo magmatoso ao misturar-se com o oxigênio formou os oceanos primitivos, locus onde a vida se expressou na presença de luz e num ritmo lento foi se transformando, um ir e vir constante, as trocas vitais se ativam e desativam vagarosamente embalado pelos ritmos da terra onde espécies se extinguem enquanto outras se desenvolveram, progredem e perpetuam.

A fissão gerou continentes que se distanciaram, assumiram características próprias, mas ainda guardam o contorno da mãe pangeia entremeada por queloides magmáticos. Uma vez exposto a fonte de calor da estrela mãe e em rotação ao redor dela, enormes blocos de gelo foram deslocados e sustentam os polos deste grande globo azul que inexoravelmente gira ao redor da estrela de fogo, fonte de energia que move a vida. Os tempos mudaram, diferentes estações marcam sua presença apresentando variações térmicas, as quais quando quente lembram o ventre materno onde fora gerada e quando frio manifesta a ausência do calor materno chorando lágrimas congeladas na forma de flocos de neve. A sutileza da vida está em controlar o ritmo e se adaptar frente aos diferentes intempéries.

Ciclos de luz regem a vida, fonte de energia constante propiciada pelo círculo de fogo que nos visita todo dia. Talvez o segredo escondido em efeitos, ações e reações que sustentam a vida no planeta venham da magia de forças superiores cuja compreensão do que é a vida esteja além do que se pode atingir com circuitos elétricos encerrados em caixas cranianas.

Viver se baseia em cumprir ciclos, é neste contexto que nosso planeta impõe a necessidade de migrar para que as espécies perpetuem seus genes. Ondas sísmicas empurram as espécies insistindo na necessidade de migrar, buscar novos rumos, condições melhores de vida, enquanto sons e cores lapidam os mais preparados para as grandes viagens pelo planeta. Nos murmúrios da noite, seres de luz visitam o planeta deixando seus rastros marcados na aurora boreal que lampeja nos hemisférios.

A superfície do planeta desconhece a calma sendo varrida por tempestades, nevascas, flutuações térmicas extremas e furações impondo as intempéries que impõe mudanças e ajustes nas espécies. Possivelmente estes fenômenos selecionam os blocos gênicos dos mais aptos e limita a progressão dos menos adaptados, assim, a vida evolui e se adapta de forma atemporal.

A natureza sente o afélio da terra e se prepara para os novos tempos. Na Antártida os alísios se enfurecem com a mudança repentina

do eixo da terra e se incomodam pelo planeta se desvencilhar da proteção do sol, ralhando e lampejando por entre os blocos de gelo roubam o frio incrustado entre os cristais. O tempo muda repentinamente e inicia-se o Coriolis deslocando os alísios para as zonas de baixa pressão que predominam no continente sul americano.

As plantas, pressentindo os novos tempos, derrubam suas folhas como estratégia para vencer as intempéries. Este é o sinal para que os Chibums, pequenos pássaros migradores que vivem na campanha gaúcha, formem seus bandos e deem início a migração em direção ao cerrado e planalto central.

A migração deixa um destino cruel para aqueles que não têm condições de participar. Pouca alimentação, ondas de frio, redução de locais de repouso e marca cada indivíduos velho ou incapazes para a morte inevitável. Os mais aptos iniciam o deslocamento em busca de terras férteis, alimento farto e acasalamento, tendo em vista que a lei da vida é preservar a espécie.

Maior despenca e na sua quinzena final os bandos de Chibums deixam os campos ao presentir o sinal mágico que a natureza manda. É hora de cortar a serra de leste-sudeste, descansando somente o necessário e voltando a migrar, sempre fugindo dos alísios que os perseguem por entre as árvores. O vento catabático resfria o sul contorcendo-se para passar no vale dos quilombos da serra gaúcha e baixa a temperatura ambiente impondo sua fúria e deixando por vezes rastros de neve e gelo, que formam um fog com gosto sulino.

Bandos de Chibums cortam as florestas de araucária do Paraná e se deslocam em sentido a bacia do alto Paranapanema seguindo em direção a Itapetininga, região montanhosa repleta de cravina, crisântemos e cymbidiums, flores que atraem múltiplas espécies de insetos, fonte de nutrientes aos migradores. Os bandos de Chibums ao deixarem a região paranaense, precisam passar rápido pelas montanhas de Itapetininga, que é rota onde os alísios assobiam se incomodando com a altitude e com o arvoredo.

Para os pássaros a rota deve ser cumprida e o deslocamento segue latitude 22° S e Longitude: 47° W em busca de um ponto de descanso e alimentação programado para chegada impreterivelmente no dia 13 de junho.

Os bandos já em ponto de exaustão fazem sua parada em um jardim que nesta época ainda apresenta flores escondidas por entre ipês que já perderam suas folhas e humildemente retiram da terra pigmentos para colorir suas flores e alegrar o inverno. Dizem os antigos que os desuses criaram os ipês para que formem tapetes coloridos de esperança que a primavera está por vir.

O bando de pássaros tem facilidade de reconhecer o local, pois os prédios tem a forma de M tendo a sua frente um tapete verde de cana de açúcar, local de alimentação segura, de esperança de bons tempos e descanso.

Continuar a viagem é impar, migrar pelo tapete verde até áreas de boa alimentação com chegada coincidindo com a acrofase dos insetos, massa biológica que permite acasalar, criar e tratar os filhotes.

No início da primavera, é hora da volta para a casa, filhotes fortes, alimentação ideal é hora de cumprir a rota de volta.

A rota de retorno se repete e novamente, ao voltar pelo tapete de cana, passam pelo conjunto de prédios que agora parecem um W chegando a este local no dia 23 de agosto, quando a esperança da volta para casa é renovada.

Coincidentemente 13 (dia da chegada), é a posição da letra M no alfabeto da língua portuguesa enquanto na posição 23 do alfabeto (dia de retorno), a letra é o W; seria um capricho da natureza ou este local, onde a esperança se renova, são os jardins de Marta Watts.